



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

GRADUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVA LITERATURA

**ENCALHAMENTO DE PREPOSIÇÕES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
ENTRE PRAGMÁTICA E ANGLICISMO**

LUCAS MENDES DA SILVA

Brasília, 2023

LUCAS MENDES DA SILVA

**ENCALHAMENTO DE PREPOSIÇÕES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
ENTRE PRAGMÁTICA E ANGLICISMO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Letras, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciado em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Prof^a. Dra. Marina Maria Silva Magalhães

Dedico este trabalho a todos os que me apoiaram e a todo aquele que possa obter esclarecimentos e conhecimentos por meio deste.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, a minhas irmãs, a meu pai e a meu irmão, que sempre me incentivam a estudar o que me agrada e satisfaz minha sede de conhecimento.

A minhas amigas, meus amigos, que sempre me dão estímulos quando penso que minhas sinapses estão enferrujadas.

À minha orientadora, Marina Maria Silva Magalhães, que me direcionou com muita paciência e proeza e que foi extremamente indispensável para que este trabalho fosse concebido.

“Às vezes se diz que os cientistas não são românticos, que sua paixão por descobrir rouba do mundo a beleza e o mistério.”

Carl Sagan.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO	8
1. ESTUDOS PRÉVIOS	9
1.1. <i>Prepositional Stranding</i>	9
1.1.1. A Condição de Informação Mais/Menos importante (MIIC)	9
1.1.2. A Condição de Caracterização	10
1.2. O encaimento de preposição no Português Brasileiro	11
1.2.1. Transferência linguística	12
1.2.2. Preposição-órfã	12
1.2.3. Isolamento pragmático	13
1.2.4. Isolamento como recente fenômeno de anglicismo	14
2. ANÁLISE DOS DADOS	16
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	20

RESUMO

O encahamento de preposições é um fenômeno bastante conhecido na língua inglesa que, ultimamente, tem sido usado também em discursos no Português Brasileiro. Logo, este trabalho busca por explicações referentes ao fenômeno de encahamento de preposições no Português Brasileiro – justificativas para o uso, regras e colocações no discurso, além da sua abrangência. Para isso, buscamos, como base teórica, fontes acadêmicas que descrevessem esse fenômeno na língua inglesa usando a abordagem funcional, além de explicações para a ocorrência deste no português, para que pudessem fundamentar a análise dos dados coletados. Com isso, a partir dos conceitos de pragmática e anglicismo, foi possível analisar as ocorrências coletadas. Após a análise, houve a discussão sobre a justificativa do uso do encahamento de preposições no português, a sistematização dessas ocorrências, suas implicações no discurso e sua abrangência.

Palavras-chave: encahamento de preposições, pragmática, anglicismo, funcionalismo.

ABSTRACT

Prepositional Stranding is a very popular English language phenomenon, which has been recently found on Brazilian Portuguese speeches. Thus this paper searches for explanations for Prepositional Stranding in Brazilian Portuguese – justifications for its uses, rules, speech collocation, and the range of this phenomenon. For this purpose, we used, as theoretical basis, academic sources which described Preposition Stranding in English using functional analysis. We also searched for sources which explained the occurrence of this phenomenon in Brazilian Portuguese, so we could be able to support the collected data analysis. Then, with the concepts of pragmatics and anglicismo, it was possible to analyse the collected occurrences. After the analysis, there was a discussion about the justification of Prepositional Stranding uses in Portuguese, its systematization, its speech implication, and its range.

Keywords: Prepositional stranding, pragmatics, anglicism, functional analysis.

INTRODUÇÃO

As preposições, no Português Brasileiro (doravante PB), tendo como base a noção de palavra de Câmara Jr (1970), fazem parte do conjunto de formas dependentes, ou seja, não constituem enunciado quando são isoladas, mas podem ocupar diferentes posições em relação às palavras com as quais se conectam, aceitando, também, intercalações. A partir disso, é possível inferir que, ao encontrarmos uma preposição num discurso, encontraremos, também, um termo ligado a ela.

Contudo, esse fato não acontece sempre. No PB, é possível encontrar sentenças em que preposições ocorrem sozinhas, sem nenhum termo aparente para se ligar. Preposições como “com”, “sem” e “contra” aparecem comumente desacompanhadas, como em “– Você é a favor ou contra? – Sou contra.”, “– Com ou sem limão? – Sem.” Além disso, recentemente, é possível encontrar a preposição “sobre” em finais de orações, também isoladas: “Como estávamos falando sobre, pode ter dado a entender”.

Se as preposições são consideradas elementos que não carregam sentidos quando são encontradas sozinhas, por que elas funcionam isoladas em alguns casos?

Este trabalho visa analisar esse fenômeno com base nos dados por nós observados na fala de estudantes da UnB buscando, a partir de referências sobre o tema, entender o motivo pelo qual certas estruturas do PB admitem o chamado “encalhamento de preposições”.

Dessa forma, discutiremos esses casos a fim de esclarecer o funcionamento dessas formas dependentes quando são encontradas isoladamente no discurso.

1. ESTUDOS PRÉVIOS

Para analisar o fenômeno de isolamento de preposições no PB, abordaremos o artigo de revisão de Masahiro (1994) sobre o estudo de Takami (1992), que discute essas ocorrências na língua inglesa, e o de Orlando (2021), que tem, como foco, o PB.

1.1. *Prepositional Stranding*

Partindo da ideia de que o uso de preposições no final de orações é um anglicismo, convém abordar esse fenômeno na língua inglesa – chamado de *prepositional stranding* (doravante PS). Segundo Masahiro (1994), Takami (1992), ao abordar esse fenômeno, explica que esse fenômeno linguístico do inglês tem motivação basicamente funcional e não sintática. Para dar suporte a essa alegação, ele aborda duas condições para que esse fenômeno aconteça: A Condição de Informação Mais/Menos Importante (MIIC)¹ e a Condição de Caracterização².

1.1.1. A Condição de Informação Mais/Menos importante (MIIC)

Ao analisar a ocorrência de PS nos sintagmas verbais e nominais, além da sintática, Takami (1992) aborda a Condição de Informação Mais ou Menos Importante como condição determinante para a ocorrência do fenômeno. De acordo com o autor, um SN pode ser retirado de um SP somente quando esse SN pode ser interpretado como sendo mais importante que o resto do período.

(1) a. *What did the gang open the safe with?*

O que a gangue abriu o cofre com?

‘Com o que a gangue abriu o cofre?’

(Takami, 1992:23 *apud* Masahiro, 1994: 291)

¹ More/Less Important Information Condition

² Characterization Condition

b. *Which year was John still a small boy in?

Que ano era John ainda um garoto pequeno em?

‘Em que ano John ainda era um garoto pequeno?’

(Takami, 1992:23 *apud* Masahiro, 1994: 291)

Para Takami, (1992) enquanto o Sintagma Preposicional em (1a) carrega a informação mais importante (o objeto que foi usado ao abrir o cofre), o SP em (1b) carrega informação menos importante que o resto do período (o ano). Logo, isso explicaria a não ocorrência de PS em (1b), que é uma construção inaceitável. Assim, por se tratar de fatores contextuais e não sintáticos, PS seria, em grande parte, dependente do contexto ou do conhecimento pragmático do falante/ouvinte, não sendo um fenômeno sintático.

1.1.2. A Condição de Caracterização

A segunda condição, para Masahiro (1994), segundo Takami (1992), é pautada na noção de caracterização. E é essa noção que permite a aceitabilidade de PS em mais dois tipos de construção – as pseudo-passivas³ e as *tough-Movement*⁴. PS acontecerá apenas nos casos em que os períodos, como um todo, servirem de caracterização para o sujeito.

(2) a. *This river should not be swum in – you might be drowned.*

Este rio não deve ser mergulhado em – você pode ser afogado.

‘Não se deve mergulhar neste rio – você pode se afogar.’

(Masahiro, 1994: 295)

b. *This bed was slept in.*

Esta cama foi dormida em.

³ Construção verbal que possui forma passiva, mas ou tem sentido ativo ou não possui uma forma equivalente gramatical na voz ativa.

⁴ Um período *tough-Movement* é caracterizado, de acordo com Hicks, por apresentar, aparentemente um objeto “faltando” numa oração infinitiva, mas que é, obrigatoriamente, correferente ao sujeito da oração principal.

‘Alguém dormiu nesta cama.’

(Masahiro, 1994: 296)

c. *New York is dangerous to meet friends in.*

Nova Iorque é perigosa para se encontrar com amigos em.

‘É perigoso se encontrar com amigos em Nova Iorque.’

(Masahiro, 1994: 296)

d. *The tall buildings were impossible for John to walk in front of because there was a temporary road block.*

Os prédios altos eram impossíveis para John andar em frente a porque havia um bloqueio de rua temporário.

‘Era impossível para John andar em frente aos prédios altos porque havia um bloqueio de rua temporário’.

(Masahiro, 1994: 297)

Em (2a) e (2b), temos exemplos de construções pseudo-passivas, enquanto, em (2c) e (2d), há construções de *tough-Movement*. Em ambos os casos, os períodos funcionam como caracterização dos respectivos sujeitos e, logo, justificariam a presença de PS.

1.2. O encaimento de preposição no Português Brasileiro

Em Português Brasileiro, PS é chamado de “encaimento de preposição”, “isolamento de preposição”, “preposição encaçada” ou “preposição-órfã”. Para abordarmos esse fenômeno, utilizaremos a dissertação de mestrado de Ana Angélica da Silva Orlando, na qual é investigado o uso de isolamento de preposição nas construções relativas. Na abordagem desta, essa ocorrência é considerada como sendo sintática, distanciando-se um pouco da visão de Takami (1992). Para Orlando (2021), apesar do fenômeno no PB ser uma ocorrência influenciada pelo inglês, é relevante destacar que sua presença está cada vez mais frequente e que apresenta inovações no português.

- (3) a. Você viu o filme que o professor falou ontem?
b. Você viu o filme que o professor falou **sobre** ontem?

(Orlando 2021: 13)

Em (3a), temos um exemplo de estrutura cortadora, enquanto em (3b), ocorre isolamento de preposição.

A pesquisa de Orlando (2021) foi bilateral – a aceitabilidade da ocorrência de preposições órfãs no PB e a aceitabilidade da ocorrência de estrutura cortadora na língua inglesa, usando, como grupo experimental, bilíngues universitários que estavam aprendendo inglês. Focaremos no primeiro aspecto, que é o objeto de nosso estudo.

1.2.1. Transferência linguística

Como fundamentação para sua proposta, Orlando (2021) argumenta que transferência linguística é um fenômeno comum na aprendizagem de uma segunda língua devido ao fato de os estudantes utilizarem os conhecimentos de sua língua materna na segunda língua, muitas vezes, intuitivamente. Contudo, aponta que o inverso também ocorre – influências da L2 sobre a L1, nas quais estruturas da L2 podem dar reforço a outras na L1, que são possíveis, mas infrequentes. Podemos colocar o uso de isolamento de preposições nesse caso. Apesar disso, é destacado que, segundo estudos recentes, a exposição e imersão à L2 não é um requisito necessário para que esse fenômeno aconteça.

1.2.2. Preposição-órfã

Segundo Orlando, conforme a disposição de Oliveira (2015):

Entende-se encalhamento de preposições por um fenômeno sintático em que a preposição regente ocorre em outra posição que não seja adjacente ao núcleo regido. Essa estratégia tem baixa frequência no português, diferentemente do inglês, em que é muito comum e que permite sua ocorrência com quaisquer tipos de preposições (p.85).

Assim, tem-se que, em PB, esse fenômeno é encontrado em poucos casos. A autora ainda aponta que, segundo Marcelino (2007), o fenômeno de preposição órfã ocorre em línguas que possuem o Parâmetro de Composição (PC) positivo. Ainda segundo Marcelino, este é um Parâmetro de Composição morfológica imprescindível para gerar outras estruturas presentes na língua, como a estrutura Verbo-partícula e a de duplo-objeto. Tomando a língua inglesa como exemplo, temos que esta possui PC positivo, pois, além de haver construções com duplo objeto (como as orações passivas que possuem dois objetos – um direto e um indireto), são permitidas construções em que há verbo+partícula (verbos frasais, por exemplos). Assim, PS seria uma estrutura parte do PC. Além disso, em línguas que apresentam isolamento de preposições, seria possível criar estruturas de compostos nominais N+N (como em *banana box*). Assim, conclui-se que o PB possui PC negativo, pois não é possível criar estruturas de compostos nominais N+N, assim como não há estruturas de verbo+partícula. Logo, o PB não permitiria o fenômeno de isolamento de preposições.

Considerando as informações apresentadas por Masahiro (1994) e Orlando (2021), separaremos os casos de enclivamento de preposições no PB em dois grupos: o que apresenta uso consolidado e diz respeito à omissão do objeto das preposições “com”, “sem” e “contra” quando o objeto é mencionado em contexto discursivo anteriormente, isto é, ele é conhecido dos interlocutores (isolamento pragmático), e o grupo que apresenta realmente um uso recente da preposição “sobre” em posição final de oração e que, aparentemente, é restrito a apenas essa preposição (isolamento como recente fenômeno de anglicismo).

1.2.3. Isolamento pragmático

No que se refere às construções de preposições enclivadas consolidadas no PB, Orlando argumenta que, conforme Marcelino (2007), elas não dão garantia da marcação de isolamento de preposição no PB, assim como construções de dois substantivos (como “mulher-gato”, “palavras-chave” e “abóbora-menina”) não são justificativas para conferirem ao PB status de PC positivo.

(4) Minha mãe veio ao baile de meias e eu vim sem.

(Perini 2004:39 *apud* Marcelino 2007:98 *apud* Orlando 2021:37)

Ao discutir sobre esses tipos de ocorrência, Marcelino (2007) utiliza o exemplo (4) acima, de Perini (2004), explicando que esse caso não se trata da ocorrência de isolamento de preposição, pois o substantivo “meias” estaria implícito no período. Assim, é possível pendurar a segunda preposição numa construção com duas expressões precedidas por preposições em contraste (Perini, 2004: 39 *apud* Marcelino, 2007, *apud* Orlando 2021).

(5) *O governo, eu sempre vivi sem.⁵

(Marcelino 2007: 99 *apud* Orlando 2021: 37)

No caso acima, é demonstrado que nem sempre é possível isolar essas preposições, pois, em alguns contextos, será agramatical. Assim, em casos como esse, é necessária a inclusão de um pronome resumptivo como objeto da preposição, pois não é possível retirá-la (usando uma estrutura cortadora) por ser uma preposição lexical, ou seja, possui um sentido, não é apenas um marcador.

(6) O governo, eu sempre vivi sem ele.

(Marcelino 2007: 100 *apud* Orlando 2001: 37)

Assim, é possível perceber uma aproximação entre a visão funcional de Takami (1992) e a ocorrência dessas preposições aparentemente isoladas no Português se considerarmos que os casos em que ocorrem o encalhamento são exemplos em que a informação retirada é a mais importante do período e depende do contexto ou do conhecimento pragmático do falante/ouvinte.

1.2.4. Isolamento como recente fenômeno de anglicismo

Para abordar o isolamento da preposição “sobre”, apresentaremos o estudo de De Lemos (2013) citado por Orlando. Esse estudo consistiu na análise sobre a ocorrência de encalhamento de preposição nos falantes de herança de PB que residiam nos Estados Unidos. Dentre os questionamentos que nortearam o estudo, estavam se os falantes de herança de PB usavam preposição órfã em português e, se fosse o caso, se era um uso de

⁵ Apesar da marcação agramatical do exemplo, tal construção soa comum para nós sem causar prejuízos semânticos ao contexto do discurso do falante nem do ouvinte.

forma sistemática. Os participantes foram 30 falantes de herança, filhos de imigrantes brasileiros residentes na Flórida. Os resultados confirmaram que eles usam preposições órfãs. Contudo, em perguntas, os falantes de herança nascidos nos EUA usaram PS em PB mais frequentemente, até quando não se era esperado (*Quem ela vai na festa com?*), enquanto os falantes de herança nascidos no Brasil, além do grupo controle – monolíngues de PB e os bilíngues tardios (estudantes de Inglês que começaram a aprender a segunda língua após o período crítico – majoritariamente considerado entre os 4 e 7 anos de idade) – preferiram o uso da preposição com o seu complemento (*Com quem Maria falou?*), também chamado de *pied-piping*. Além disso, as evidências apontaram que o uso de isolamento de preposição no grupo experimental é sistemático.

Assim, Orlando (2021) chama a atenção para ocorrências atuais de preposições órfãs, mesmo não sendo comum nem predominantemente gramatical no PB, como em:

- (7) a. Este é o chocolate que eu não fico sem
 b. Este é o livro que eu falei sobre (Orlando 2021: 54)

Para o estudo de Orlando (2021), aqui abordando apenas as partes envolvendo a ocorrência de isolamento de preposição no PB, foram selecionados bilíngues estudantes Letras-Inglês/Literaturas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e monolíngues de português que variavam entre universitários e graduados. A pesquisa analisou a aceitabilidade dos participantes sobre o isolamento de preposição em dois grupos: o grupo A (sem, a favor, sobre, contra, em cima, atrás) e o grupo B (para, de, em, com). Os resultados apontaram que ambos os grupos acharam suscetíveis as preposições do grupo A ficarem órfãs, enquanto, para o grupo B, os bilíngues foram mais toleráveis que os monolíngues.

A autora reiterou o fato de a suscetibilidade ao encalhamento de preposição por parte dos monolíngues, no que diz respeito a preposições do grupo A, reafirmar a alegação de Salles (2003) e Marcelino (2007) de que essas preposições possuem sentido, são lexicais, enquanto as do grupo B são funcionais, não possuem sentido explícito e podem sofrer contrações com artigos. Já a tolerância maior por parte dos bilíngues ao grupo de preposições B é apontado para o duplo *input* que estes sofrem por parte de ambas as línguas e, por isso, são mais flexíveis.

O estudo foi realizado apenas com universitários, o que se faz possível indagar como é a aceitabilidade de falantes fora da academia – se pessoas fora do meio acadêmico utilizam-se de estruturas com encalhamento de preposições ou não acham suscetíveis e, neste caso, seria um fenômeno mais restrito.

2. ANÁLISE DOS DADOS

A seguir, serão analisados os dados coletados sobre ocorrência de preposições órfãs. O público alvo foram estudantes com acesso à educação superior (universitários, ex-universitários e graduados).

- (8) a. Mas ele estava de blusa de frio, eu estava sem.
 b. Eu gosto de ketchup na pizza, mas, cachorro-quente eu gosto sem.
 c. – Com limão?
 – Sem!
 d. Sempre vou ser contra. (a posse de armas)
 e. – Você é a favor ou contra? (a posse de armas)
 – Sou contra.
 f. Não consigo viver sem. (*internet*)

Nos exemplos acima, podemos encontrar o isolamento do objeto. De (8a) a (8c), podemos facilmente identificar o objeto ausente por meio do contexto, uma vez que ele foi citado na oração imediatamente anterior. Assim, podemos inferir que a opção pela não-repetição do objeto se daria por economia linguística, pela não-redundância, pois este já havia sido mencionado anteriormente oração. Logo, era de conhecimento do ouvinte. Contudo, a partir de (8d), podemos inferir que o objeto, apesar de omissivo, já havia sido apresentado no discurso, sendo conhecido tanto pelo falante, quanto pelo ouvinte, apesar de não estar explícito para quem está fora da conversa. As ocorrências acima foram percebidas em ambientes tanto formais, quanto em conversas corriqueiras do dia a dia.

Já nos exemplos abaixo, percebemos o fenômeno de anglicismo.

- (9) a. Uma discussão que a gente tem sobre, quando a gente tem aula de Lexicografia, é que...
- b. Tomar uma cervejinha escutando sertanejo e assistir filme para comentar sobre depois.
- c. Estou precisando das seguintes informações para fazer vídeos sobre.
- d. – Que filme é esse? – Ainda não achei sobre.
- e. Conte mais sobre.
- f. Vou pensar com calma sobre tudo; já é ótimo poder falar sobre.
- g. Amor, eu não tenho que te ensinar o que falar sobre.
- h. Eu te mandei mensagem ontem no seu privado, falando sobre.
- i. Como estávamos falando sobre, pode ter dado a entender.
- j. Já apresentei um trabalho sobre.
- k. Uma vez eu li sobre, quase morro do coração.
- l. Importa, até porque estamos falando sobre.
- m. Dá vontade de fazer as duas ajoelharem sobre.
- n. Não posso fazer nada sobre.
- o. Mas, uma coisa que eu não contava com e que, tipo, eu acho muito importante contar para vocês, é que...⁶

As ocorrências acima, com exceção da última, foram percebidas em um ambiente de comunicação mais formal (sala de aula, reuniões de trabalho, contextos cujo tom de conversa era mais formal).

Poderíamos inferir que os exemplos se encaixariam na Condição de Mais/Menos Importante, pois os objetos que estão faltando seriam equivalentes (no inglês), à

⁶ Exemplo retirado da internet, na plataforma de vídeos Youtube. AKEMI, Luiza. Sofri Xenofobia no Festival de K-pop na Coreia. YouTube, 18 de março de 2019. 05:17-05:25. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qz9mx2X6P1Y&list=PL1Np5laS8Tizui_2JEO-jrVb0Bc82x2j-&index=31> Acesso em 01 de julho de 2023.

informação mais importante do período, mas que já é conhecido pelo ouvinte. Contudo, em PB, podemos ainda agrupar esses exemplos e hipotetizar como seria a forma mais prototípica para os falantes de PB nessas situações.

Nos exemplos (9a) a (9g), poderíamos simplesmente retirar a preposição, que não faria diferença no sentido. A preposição, nesse caso, poderia servir como realce em um ambiente formal, já que é mais comum encontrar esses casos sem a preposição, como Orlando (2021) argumenta ser o caso chamado de preposição cortadora. Por essa questão, poderíamos discutir se, pelo ambiente em que elas são utilizadas, estariam sendo realizadas como uma tentativa de realce formal que, no final, não encontra respaldo no que chamamos de “linguagem formal”, ou seja, trata-se de um caso de hipercorreção.

Já nos exemplos de (9h) a (9n), podemos inferir que é uma clara referência aos anglicismos em que a preposição “*about*” aparece órfã. Contudo, se passarmos para o Inglês esses exemplos, poderemos perceber que não seria um exemplo de PS, pois não cabe nas condições de Takami (1992), sendo necessário o acréscimo de um referente, conforme (9l), reenumerado abaixo como (10a), (9n), reenumerado como (10b) e (9j), reenumerado como (10c):

10. (a). Importa, até porque estamos falando sobre.

It matters, because we are talking about it.

(b). Não posso fazer nada sobre.

I cannot do anything about it.

(c). Já apresentei um trabalho sobre.

I have already given a presentation about it.

Assim, se analisarmos sob a ótica de Takami (1992), não haveria a Condição Mais/Menos Importante, porque não há um objeto importante que foi omitido, assim como não é uma pseudo-passiva nem uma construção *tough-Movement* para justificar a Condição de Caracterização. Assim, não ocorreria PS. No PB, seria mais prototípico acrescentar algum termo de referência (“isso”, por exemplo) nessas orações, como acontece no inglês.

11. a. Como estávamos falando sobre **isso**, pode ter dado a entender.

b. Eu te mandei mensagem ontem no seu privado, falando sobre **isso**.

c. Importa, até porque estamos falando sobre **isso**.

d. Já apresentei um trabalho sobre **isso**.

e. Uma vez eu li sobre **isso**, quase morro do coração.

Por fim, o exemplo (9o), em que temos uma ocorrência com a preposição “com”, é uma ocorrência ainda menos comum que usar a forma gramaticalmente correta (“...com que eu não contava), pois, geralmente a forma cortadora é a mais usada por falantes de PB. Esse caso vai ao encontro dos exemplos da pesquisa de Orlando (2021), no qual bilíngues de herança priorizam preposições órfãs em vez da forma cortadora.

Forma cortadora:

Mas, uma coisa que eu não contava e que, tipo, eu acho muito importante contar para vocês, é que...

Forma alternativa, mais formal:

Mas, uma coisa com que eu não contava e que, tipo, eu acho muito importante contar para vocês, é que...

A partir desses dados, a análise aponta para um anglicismo que pode ser justificado no caso do falante bilíngue que, por receber duplo *input*, realiza a transferência linguística da estrutura do inglês para o PB. No entanto, os dados que não encontram respaldo no espelhamento de uma ordem encontrada na gramática do inglês, podem, de outra forma, serem explicados como uma marcação de realce de fala num ambiente formal, cabendo até a discussão de uma possível hipercorreção influenciada pelos casos recentes de anglicismo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, nos propusermos a analisar dados coletados que apresentam o fenômeno de encalhamento de preposições no Português Brasileiro, a fim de identificar o

seu funcionamento numa língua que, até muito recentemente, não apresentava tal fenômeno.

Primeiramente, buscamos, nas análises de Takami (1992) e Orlando (2021) explicações sobre as motivações pragmáticas e sintáticas de ocorrência tanto no inglês como no português para que pudéssemos nortear nossa análise. A definição de *Prepositional Stranding* e as condições nas quais esse fenômeno ocorre no inglês foram essenciais. Em Português, o estudo de preposições com isolamento pragmático e a diferença das ocorrências encontradas em estudantes bilíngues de inglês-português permitiram-nos compreender o fenômeno de transferência linguística que justifica a adoção de estruturas do inglês para o português, dentre elas, o isolamento de preposição.

Em seguida, analisamos os dados observados de falas e escritas de falantes monolíngues de PB em salas de aulas ou em salas virtuais cujos participantes eram universitários, ex-universitários e/ou graduados, ou sejam, possuíam acesso ao nível superior de alguma forma. Nossa análise constatou que, nos casos em que ocorre isolamento pragmático, houve uma sistematização, podendo explicar todos os exemplos – o falante omitiu o objeto deixando apenas a preposição, mas esse objeto era recuperável pelo ouvinte no contexto, pois já havia sido mencionado anteriormente, sendo uma informação já conhecida. No caso do isolamento por anglicismo, percebemos que o uso não se dá nos mesmos ambientes que ocorrem em inglês, extrapolando o uso em que ocorreria equivalência se traduzíssemos do PB para o inglês. Além disso, constatamos exemplos que vão ao encontro da pesquisa feita por Orlando (2021) e discutimos, nos casos em que a preposição aparece apenas como um realce de formalidade, que esse tipo de estrutura, no final das contas, apresenta-se possivelmente como um fenômeno de hipercorreção.

Estudos que ampliem o público-alvo para falantes não universitários poderão revelar a abrangência e frequência desse fenômeno para além dos ambientes em que ele foi analisado até o momento.

REFERÊNCIAS

DE LEMOS, S.H. *Preposition Stranding in Heritage Speakers of Brazilian Portuguese*. 2013. 126 f. Tese (Master of Arts in Linguistics) – Florida International University, Miami 2013.

HICKS, Glyn. "Tough-Constructions and Their Derivation." *Linguistic Inquiry*, vol. 40, no. 4, 2009, pp. 535–66. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/40284333>. Accessed 20 June 2023.

MARCELINO, M. *O parâmetro de composição e a aquisição/aprendizagem de L2*. 2007, 211f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MASAHIRO, Kato. **Preposition Stranding: From Syntactic to Functional Analyses**, by Kenichi Takami. Mouton de Gruyter. Berlin, 1992, xi+304pp, *ENGLISH LINGUISTICS*, 1994, 11 卷, p. 291-317, 公開日 2009/12/24. Online ISSN 1884-3107, Print ISSN 0918-3701. Disponível em <<https://doi.org/10.9793/elsj1984.11.291>>; <https://www.jstage.jst.go.jp/article/elsj1984/11/0/11_0_291/_article/-char/ja>

MATTOSO CAMARA Jr, J. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

NORDQUIST, Richard. "Definitions and Examples of Pseudo-Passives in English." ThoughtCo. <https://www.thoughtco.com/pseudo-passive-grammar-1691548> (accessed June 20, 2023).

ORLANDO, Ana Angélica da Silva. **Preposições órfãs em estruturas relativas no português e no inglês: uma análise comparativa com bilíngues universitários**. 2021.112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em <<http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/16688>> Acesso em 20 de junho de 2023.

SALLES, H. M. M. L. A. Aspectos da sintaxe de pre- e posposições em línguas românicas e germânicas. *Letras de Hoje*, v. 38, n. 1, p. 251-265, mar. 2003.

TAKAMI, Ken-ichi. **Preposition stranding: Arguments against syntactic analyses and an alternative functional explanation**. *Lingua*, Volume 76, Ed. 4, 1988, Página 299-335, ISSN 0024-3841. Disponível em <[https://doi.org/10.1016/0024-3841\(88\)90022-8](https://doi.org/10.1016/0024-3841(88)90022-8)>.